

A ENERGIA PSÍQUICA E SUAS METAMORFOSES

Seguindo o método de acompanhar cronologicamente, tanto quanto possível, o desenvolvimento da obra de Jung em estreita conexão com sua biografia, começaremos este capítulo comentando o livro *Símbolos de transformação*, publicado em 1912 com o título de *Transformações e símbolos da libido*. Foi nesse livro onde Jung apresentou, pela primeira vez, seu conceito de energia psíquica. Enquanto Freud atribui à libido significação exclusivamente sexual, Jung denomina libido a energia psíquica tomada num sentido amplo. Energia psíquica e libido são sinônimos. Libido é apetite, é instinto permanente de vida que se manifesta pela fome, sede, sexualidade, agressividade, necessidades e interesses os mais diversos. Tudo isso está compreendido no conceito de libido. A idéia junguiana de libido aproxima-se bastante da concepção de *vontade* segundo Schopenhauer. Entretanto Jung não chegou a essa formulação através dos caminhos da reflexão filosófica. Foi a ela conduzido pela observação empírica, no seu trabalho de médico psiquiatra. Será inevitá-

Libido

vel, portanto, que de novo penetraremos no terreno da psiquiatria. Atento à conduta do doente, pergunta Jung: a perda do contato com a realidade, na esquizofrenia, resultaria da retração do interesse libidinal, na acepção de interesse erótico? Freud sustentava esta opinião. Jung não aceitou que o contato com a realidade fosse mantido unicamente através de "afluxos de libido", ou seja, de interesse erótico. Verificava em seus doentes a perda não só do interesse sexual mas de todos os interesses que ligam o homem ao mundo exterior. Para estar de acordo com Freud seria, portanto, necessário admitir que toda relação com o mundo era, na essência, uma relação erótica. Isto pareceu a Jung *inflação* excessiva do conceito de sexualidade. Sua posição, desde o início, foi esta. Já no prefácio do livro *Psicologia da demência precoce*, havia escrito: "Fazer justiça a Freud não implica, como muitos temem, submissão incondicional a um dogma; pode-se muito bem manter um julgamento independente. Se eu, por exemplo, aceito os mecanismos complexos dos sonhos e da histeria, isso não significa que atribua ao trauma sexual infantil a importância exclusiva que Freud parece conceder-lhe. Ainda menos isso significa que eu coloque a sexualidade tão predominantemente no primeiro plano ou que lhe atribua a universalidade psicológica que Freud lhe atribui, dado o papel enorme que, decerto, a sexualidade desempenha na psique". Note-se que esse prefácio está datado de julho de 1906.

Daí se vê que entre Freud e Jung não existiram relações do tipo mestre-discípulo, segundo se repete tão freqüentemente. A verdade é que Jung nunca deu sua adesão total a Freud.

Quando leu as primeiras obras de Freud — *A histeria* e *A interpretação dos sonhos* —, embora fosse ainda muito jovem, Jung apercebeu-se de que estava diante de descobertas importantíssimas. Ficou fascinado pelos dinamismos do inconsciente que se revelavam a seus olhos. E tanto na prática clínica quanto na experimentação psicológica comprovou a existência dos mecanismos descritos por Freud, mas desde logo suas interpretações nem sempre coincidiram exatamente com as interpretações do mestre de Viena. Apesar de divergências abertas ou latentes, os anos de colaboração estreita entre Freud e Jung (1907-1912) foram, sem dúvida, muito fecundos para a psicanálise. O desentendimento decisivo, porém, acabou surgindo. Foi provocado pelo conceito de libido, entendida como energia psíquica de uma maneira global, apresentado por Jung em *Metamorfoses e símbolos da libido*. Eis um livro extremamente denso, porém de leitura apaixonante. Seu tema é o comentário psicológico dos poemas e outros escritos de Miss Miller, um caso fronteiro de esquizofrenia. Mas em torno deste núcleo as idéias borbulham num verdadeiro festival de atividade criadora, excedendo de longe o objetivo primeiro. As imagens poéticas de Miss Miller dão lugar a abundantes paralelos mitológicos e ao aprofundamento de suas significações, resultando daí uma tal

profusão de dados que o leitor poderá talvez sentir-se como alguém perdido numa espessa floresta. Carregando tantas inovações, *Metamorfoses e símbolos da libido* provocou enorme celeuma e não poucos mal-entendidos. A fim de esclarecer e desenvolver seu conceito de libido, apresentado nesse livro junto a várias outras idéias, Jung escreveu um trabalho à parte denominado *Sobre a energia psíquica*.

A energia psíquica (libido) "é a intensidade do processo psíquico, seu valor psicológico". Não se trata de valor em acepção moral, estética ou intelectual. Valor tem aqui o significado de *intensidade*, "que se manifesta por efeitos definidos ou *rendimentos psíquicos*". Energia psíquica é um conceito abstrato de relações de movimento, algo inapreensível, um X, comparável (mas não idêntica) à energia física.

Jung construiu para a psicologia uma interpretação nos moldes da teoria energética das ciências físicas. Fome, sexo, agressividade seriam expressões múltiplas da energia psíquica, tal como calor, luz, eletricidade são manifestações diferentes da energia física. "Do mesmo modo que não ocorreria ao físico moderno derivar todas as forças, por exemplo, somente do calor, também o psicólogo deve preservar-se de englobar todos os instintos no conceito de sexualidade."

Jung concebe o psiquismo (consciente e inconsciente) como um sistema energético relativamente fechado, possuidor de um potencial que permanece o mesmo em quantidade através de suas múltiplas manifestações durante toda a vida de

cada indivíduo. Isso vale dizer que, se a energia psíquica abandona um de seus investimentos, virá reaparecer sob outra forma. No sistema psíquico a quantidade de energia é constante, varia apenas sua distribuição. "Nenhum valor psíquico pode desaparecer sem que seja substituído por outro." Se um grande interesse por este ou aquele objeto deixa de encontrar nele oportunidade para aplicar-se, a energia que alimentava o interesse tomará outros caminhos: surgirá talvez em manifestações somáticas (palpitações, distúrbios digestivos, erupções cutâneas etc.), virá reativar conteúdos adormecidos no inconsciente, construirá enigmáticos sintomas neuróticos. Esses vários fenômenos serão a expressão de metamorfoses da mesma energia. Resumiremos, para exemplificar, um caso clínico simples, descrito por Jung em *Problemas da alma moderna*. Trata-se de um oficial do Exército suíço, com 27 anos, que sofre de violentas dores na região precordial e no calcanhar esquerdo. Nada foi encontrado, somaticamente, que justifique esses sintomas e o doente não relaciona seu aparecimento com qualquer ocorrência especial. Interrogado sobre seus sonhos, lembra-se de um sonho recente que o impressionou pela estranheza: "Eu ia andando por um campo aberto quando de repente pisei numa serpente. A serpente mordeu-me no calcanhar e senti-me como se estivesse envenenado".

Pouco antes de surgirem os sintomas, a namorada desse rapaz ficara noiva de outro. Ele reagiu tomando atitude de jactância. A moça era uma tola

e ele arranjaria facilmente dez namoradas mais interessantes. Isso não tinha nenhuma importância. Entretanto, perdido o objeto exterior de investimento, reprimida, a libido vem reaparecer sob a forma de sintomas somáticos. Exprime-se através de dores na região cardíaca, o que, aliás, não é nada de extraordinário, pois os poetas de todos os tempos já disseram que as penas de amor fazem doer o coração. No seu recuo, porém, a libido desceu ainda mais profundamente, vindo dar vida à imagem pela qual vários mitos exprimiram certas experiências que o homem teve com a mulher através dos tempos: a mordedura da serpente. O jovem suíço encontrou-se com a serpente que Ísis colocou no caminho do grande deus Ra para morder-lhe o calcanhar; encontrou-se com a serpente bíblica, tão estreitamente associada a Eva; encontrou-se com o princípio sedutor da mulher no seu aspecto perigoso. A libido fez-se imagem simbólica.

Todos os fenômenos psíquicos são de natureza energética. Os *complexos* são nós de energia. Veremos em breve (Cap. V) que os *arquétipos* são núcleos de energia em estado virtual e que os *símbolos* são máquinas transformadoras de energia.

Jung vê a psique em incessante dinamismo. Correntes de energia cruzam-se continuamente. Tensões diferentes, pólos opostos, correntes em progressão e em regressão entretêm movimentos constantes.

A progressão da libido resulta da necessidade vital de adaptação ao meio. Nos seus esforços para

responder às exigências exteriores, a libido espalha-se sobre o mundo. Mas, quando as possibilidades de que dispõe o indivíduo (dentro de suas peculiaridades, dentro de seu tipo psicológico) não são capazes de corresponder a essas exigências ou os obstáculos que se levantam no seu caminho são demasiado fortes, a energia se detém. Acumula-se, fica estagnada e acaba recuando. A marcha retrógrada da libido terá por efeito a reativação de conteúdos do mundo interior. Serão reanimados materiais excluídos do consciente, inibidos no inconsciente, por serem perturbadores dos esforços de adaptação ao mundo exterior ("A inibição é idêntica ao que Freud chama censura"). Desse modo adquirem elevação de potencial as pulsões sexuais infantis insatisfeitas, as tendências incompatíveis com a atitude moral consciente do indivíduo, com seus julgamentos racionais ou estéticos. Também, segundo frisa Jung, serão alimentados germens de novas possibilidades de vida que ainda não haviam ganhado forças para emergir. Os conteúdos do inconsciente ativados pelo novo afluxo de libido aproximam-se do consciente. O ego poderá então confrontá-los, considerá-los atentamente. A regressão da libido torna-se, assim, uma fase útil no processo de desenvolvimento da personalidade. Desde que os conteúdos do inconsciente sejam confrontados e integrados, dissolvem-se estagnações, removem-se bloqueios e a libido volta a fluir na direção do exterior. Recomeça nova fase de progressão.

Os conceitos de progressão e evolução e de regressão e involução nem sempre se superpõem. "A vida psíquica do homem pode também progredir sem evoluir e retrogradar sem involuir. O fluxo contínuo de libido a derramar-se sobre o mundo não significa necessariamente desenvolvimento da personalidade. A regressão, do mesmo modo, não se traduz obrigatoriamente em involução, pois os conteúdos do mundo interior exigem aflusos de libido para diferenciarem-se. Somente quando ocorre persistência da regressão e fixação em formas anteriores de atividade da libido se poderá falar de condição patológica."

2 forças
instintivas
x
espírita
Nuna visão de conjunto da energética psíquica, Jung postula a existência de dois pólos fundamentais que se defrontam. De um lado estão as forças que alimentam o insaciável apetite dos instintos e, de outro lado, as forças que se opõem às primeiras, que restringem a impetuosidade instintiva. A inter-relação dessas forças antagônicas promove a auto-regulação do equilíbrio psíquico.

O combate entre esses dois opostos tem sido vivenciado pelo homem em todos os tempos e comumente é designado pela oposição *natureza-espírito*. Espírito não é entendido aqui como algo transcendente. Para Jung, as forças que se opõem à instintividade são tão naturais quanto os próprios instintos e, tanto quanto estes, são poderosas. "Rigorosamente falando, o princípio espiritual não entra em colisão com o *instinto*, mas com a instintivi-

dade cega na qual se manifesta predominância injustificada da natureza instintiva em relação ao espiritual. O *espiritual também se apresenta na vida psíquica como um instinto*, mesmo como uma paixão ou, segundo disse Nietzsche, 'como um fogo devorador'. Não se deriva de nenhum outro instinto, mas é um princípio *sui generis*, uma forma específica e necessária da força instintiva."

Do jogo entre tensões opostas resulta a liberação de relativos excedentes de energia e o natural estabelecimento de declives por onde se escoia essa energia livre. Com efeito, a história da humanidade demonstra que já o homem primitivo conseguia dispor de cotas de energia para aplicação utilitária no mundo exterior e para operações transformadoras internas, que se realizavam por intermédio da formação de símbolos religiosos, de rituais e de atos mágicos. Não está todavia no poder do homem canalizar os excedentes energéticos para objetos escolhidos racionalmente. A libido mostra-se recalcitrante às ordens da vontade consciente. Os esforços mais obstinados não serão suficientes se não existir, na mesma direção, um declive natural favorável à canalização da energia. "A vida somente flui para diante ao longo de declive adequado."

É através de transmutações da energia psíquica, da formação de símbolos novos sucedendo a símbolos caducos, esvaziados da energia que antes os animava, que se processa, na sua essência, o desenvolvimento da psique do homem.

Posteriormente, no grande ensaio *Sobre a natureza da psique* (1954), Jung irá apresentar outros desenvolvimentos relativos à energética psíquica, decorrentes da surpreendente descoberta de analogias entre fenômenos psíquicos e fenômenos pertencentes ao reino da física atômica moderna.

Leituras

- C. G. Jung, *Symbols of Transformation*, Collected Works 5. Há traduções francesa e espanhola.
- C. G. Jung, *On Psychic Energy*, em Collected Works 8. Há também traduções francesa e espanhola.
- ① C. G. Jung, *On the Nature of Psyche*, em Collected Works 8. Ensaio de leitura difícil.

TIPOS PSICOLÓGICOS

1º - modo de vida do outro
- obj. da "consciência"

Os trabalhos de exploração do inconsciente não fizeram Jung perder o interesse pelas relações do homem com o meio exterior. A comunicação entre as pessoas sempre lhe pareceu problema da maior importância. Na vida comum e na clínica via todos os dias que a presença do *outro* é um desafio constante. O outro não é tão semelhante a nós conforme desejaríamos. Ao contrário, ele nos é exasperantemente dessemelhante. Não é raro ouvir o marido irritado dizer que não entende a esposa e a mãe queixar-se de absolutamente desconhecer a filha. Também nas relações de amizade e de trabalho surgem freqüentes desencontros, desconfortos, que deixam cada personagem perplexa face às reações do *outro*, sem que os separem sensíveis diferenças de idade, de educação ou de situação social.

Jung deteve-se no exame desse problema e apresentou sua contribuição a fim de que nos possemos orientar melhor dentro dos quadros de referência do outro. Modesto como sempre, escreveu: